

SIDNEY SHELDON

& TILLY BAGSHAW

A VIÚVA
SILENCIOSA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



OBRAS DO AUTOR PUBLICADAS PELA EDITORA RECORD

As areias do tempo
Um capricho dos deuses
O céu está caindo
Escrito nas estrelas
Um estranho no espelho
A herdeira
A ira dos anjos
Juízo final
Lembranças da meia-noite
Manhã, tarde & noite
Nada dura para sempre
A outra face
O outro lado da meia-noite
O plano perfeito
Quem tem medo de escuro?
O reverso da medalha
Se houver amanhã

INFANTOJUVENIS

Conte-me seus sonhos
Corrida pela herança
O ditador
Os doze mandamentos
O estrangulador
O fantasma da meia-noite
A perseguição

MEMÓRIAS

O outro lado de mim

COM TILLY BAGSHAWE

Um amanhã de vingança (sequência de *Em busca de um novo amanhã*)

Anjo da escuridão

Depois da escuridão

Em busca de um novo amanhã (sequência de *Se houver amanhã*)

Sombras de um verão

A senhora do jogo (sequência de *O reverso da medalha*)

A viúva silenciosa

**SIDNEY
SHELDON**
& TILLY BAGSHAW

A VIÚVA SILENCIOSA

Tradução de
Ângelo Lessa

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2018

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S548v

Sheldon, Sidney

A viúva silenciosa [recurso eletrônico] / Sidney Sheldon, Tilly Bagshawe ; tradução Ângelo Lessa. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2018.

recurso digital

Tradução de: The silent widow

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-40503-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Bagshawe, Tilly. II. Lessa, Ângelo. III. Título.

18-53211

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

TÍTULO ORIGINAL:

THE SILENT WIDOW

Copyright © 2018 by Sidney Sheldon Family Limited Partnership

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais dos autores foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-40503-6

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br

e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Para Alice, com amor.

Sumário

Prólogo

Parte um

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis
Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove
Capítulo vinte

Parte dois

Capítulo vinte e um
Capítulo vinte e dois
Capítulo vinte e três
Capítulo vinte e quatro
Capítulo vinte e cinco
Capítulo vinte e seis
Capítulo vinte e sete
Capítulo vinte e oito
Capítulo vinte e nove
Capítulo trinta
Capítulo trinta e um
Capítulo trinta e dois
Capítulo trinta e três
Capítulo trinta e quatro

Capítulo trinta e cinco

Capítulo trinta e seis

Capítulo trinta e sete

Capítulo trinta e oito

Capítulo trinta e nove

Capítulo quarenta

Capítulo quarenta e um

Agradecimentos

PRÓLOGO

— Não! Por favor! Eu não posso...

Os olhos do velho se arregalaram de pavor quando ele viu a ponta da broca encostar na corda que o mantinha amarrado, esgarçando o material. Imaginou o metal espiralado penetrando sua carne, estilhaçando seus ossos enquanto era pregado na madeira.

Enquanto era crucificado.

Sabiam que ele tinha dinheiro, não é? Daria a eles o que quisessem — tudo que quisessem! Morto, não valia nada.

Já fazia quanto tempo que estava naquele armazém? Dias? Ou somente horas? As surras o apagavam constantemente, e, por isso, acabou perdendo a noção do tempo — só tinha consciência da dor que tomava conta de seu corpo: as queimaduras lancinantes na pele enrugada pela idade e fina como papel crepom, as costelas quebradas e os olhos e lábios inchados, os pequenos cortes de estilete em sua genital. Eles o torturaram e o humilharam das formas mais sádicas e imagináveis possíveis, tudo isso enquanto aquela jovem permanecia no canto da sala, indiferente, filmando tudo com o celular. *Putá desgraçada*. Ele a desprezava mais que todos, mais até que seus torturadores.

Era como se fosse um crescendo, e, naquele momento, chegavam ao *grand finale* com a furadeira. Pelo menos era isso que *ele* achava. O chefe do grupo. O mestre de picadeiro desse circo dos horrores.

O homem de olhos castanhos.

O demônio encarnado.

— Por favor!

Os soluços do velho se transformaram em gritos quando os torturadores ligaram a furadeira e caíram na gargalhada ao passá-la de mão em mão e

aumentaram a potência da ferramenta, que ficava cada vez mais barulhenta.

— Eu faço tudo o que vocês quiserem! Ai, meu Deus, não! — Um excremento líquido quente jorrou de suas entranhas e escorreu pelas pernas trêmulas.

O homem de olhos castanhos sorriu.

— O que foi que você disse? — provocou, levando a mão bem cuidada à orelha. — Desculpe, amigo, não consigo ouvir você com o barulho dessa furadeira.

Ele ficou assistindo a tudo enquanto os homens cumpriam suas ordens, excitado, como de costume, com os gritos e as súplicas, com o sangue, e finalmente com o silêncio, assim que o show acabou. Excitado também com a jovem que filmava tudo para satisfazê-lo, conforme havia ordenado a ela que fizesse. Ele preferia matar mulheres, mas acabar com uma vida — qualquer vida — o fazia sentir um barato insuperável. Era a expressão máxima do poder.

No passado, aquele velho espancado que jazia sem vida na cruz tinha sido rico e poderoso. Mais poderoso que ele.

Ledo engano.

Olhe para ele agora. Parecia uma carcaça num abatedouro.

— Podemos retalhar o velho, chefe? — perguntou um dos capangas ao patrão.

— Não. — O homem de olhos castanhos deu um passo à frente. — Deixem ele aí. — Em seguida, sacou um maço de notas de cem dólares do bolso interno do casaco e o enfiou com violência na boca do cadáver.

O velho idiota nunca entendeu.

A questão nunca foi o dinheiro...

PARTE UM

CAPÍTULO UM

DRA. NIKKI ROBERTS
Brentwood, Los Angeles.
12 de maio, 11h.

Nunca chove em Los Angeles no mês de maio, por isso fico surpresa ao sentir uma leve garoa caindo em meus braços descobertos. A última surpresa que terei neste planeta. Mas tudo bem. Detesto surpresas.

Nosso jardim está lindo, exuberante e verde. Estou debaixo da magnólia que Doug plantou na primavera passada, apenas um mês antes do acidente. *Acidente*. Preciso parar de usar essa palavra. Agora eu sei que a morte do meu marido não foi causada por nenhum ato do destino. A noite em que Doug bateu o carro na Interestadual 405 e foi queimado vivo em seu amado Tesla: ali foi o começo de tudo.

Não que eu soubesse disso na época. Na época, eu não sabia de nada.

A pistola em minha mão, uma Luger 9mm, parece pequena e inofensiva, como um brinquedo. O sujeito que a vendeu para mim disse que era “uma ótima arma para uma mulher”, como se eu estivesse comprando brincos ou uma echarpe de seda. Já tentei tirar minha própria vida, logo depois que Doug... depois de sua morte. Tomei comprimidos, uma dose mais que suficiente para morrer, mas dei azar. Minha faxineira, Rita, me encontrou e ligou para a emergência. Mas isso não vai acontecer desta vez. Desta vez minha arma de brinquedo vai fazer o trabalho direitinho.

Não tenho medo da morte. Nunca tive, ainda que, como psicóloga, já tenha tratado inúmeros pacientes que têm medo de morrer. É basicamente

uma questão de controle. Medo do desconhecido. O que estou prestes a fazer é o ato derradeiro de controle, penso eu. Deixar o mundo da forma que você deseja é um luxo.

Nem todos têm essa chance.

Pessoas demais morreram por minha causa. Esta noite, outro homem bom e decente perdeu a vida. Um homem com quem eu me importava. Um homem que se importava comigo.

Isso não pode continuar. Preciso dar um fim nisso.

A chuva começa a apertar. Seco a mão na calça jeans para deixá-la menos escorregadia. Sem erros desta vez. Levo a pistola até minha têmpora e dou meia-volta para admirar a casa que Doug e eu construímos juntos. Uma casa de ripas de madeira pintadas de branco, típica da Costa Leste, com uma iluminação linda e uma varandinha romântica na suíte principal com vista para o mar. Nossa casa dos sonhos. Do tempo em que ainda tínhamos sonhos. Antes de nossa vida se tornar um pesadelo.

Fecho os olhos e vejo o rosto deles, um por um, como em um caleidoscópio.

Os que eu amava: Doug. Anne.

Os que eu poderia ter amado: Lou. *Nunca saberemos como teria sido.*

Os que eu decepcionei: Lisa. Trey. Derek. *Sinto muito, muito mesmo.*

Penso por último naqueles que odiei.

Vocês sabem quem são. Que apodreçam no inferno.

Começo a chorar. Sei que isso é errado. Queria que houvesse outro caminho.

Mas querer nunca consertou nada.

CAPÍTULO DOIS

CHARLOTTE Dez anos antes.

Charlotte Clancy sentia a brisa morna de verão acariciar sua pele e, com ela, uma pontada de excitação. Uma parte dessa excitação era sexual, outra era de felicidade, e havia ainda aquela empolgação pouco familiar que sentia sempre que fazia algo ilícito. Impróprio. Até perigoso.

Charlotte não costumava ser o tipo de pessoa que fazia coisas impróprias. Aos 18 anos, era uma aluna que só tirava dez na escola, em San Diego, e o maior problema que já arranjava foi dar cola para sua amiga numa prova de história sobre as antigas civilizações mexicanas. Charlotte *adorava* o México — a história, a língua, a culinária. Tivera de implorar aos pais que a deixassem trabalhar na Cidade do México durante o verão como *au pair*.

— Não sei, Charlie... — disse seu pai, cético. Tucker Clancy era bombeiro e diácono da igreja episcopal local, o homem de família mais íntegro e conservador que alguém poderia conhecer. — A gente ouve cada história... Lá tem muitos sequestros. E tem as quadrilhas de traficantes... a gente lê notícias sobre pessoas sendo decapitadas e sabe lá Deus que outras atrocidades.

— É verdade, pai, mas essas coisas só acontecem em *certas* partes do México. Não aonde eu quero ir. Os lugares perigosos mesmo são El Salvador e Colômbia. E essa agência, a American Au Pairs International, é muito bem avaliada em relação à segurança. Tipo, não houve nenhum incidente em doze anos de atuação lá no México.

Tucker Clancy ouviu, orgulhoso, a filha tentar convencê-lo usando suas

habilidades de negociação. Uma coisa podia se dizer sobre Charlie: ela nunca fazia nada pela metade. Como sempre, tinha todos os dados e números na ponta da língua. E era uma garota muito sensata.

Mas, no fim das contas, foi a mãe dela, Mary, quem acabou fazendo a balança pesar para o lado da filha.

— Também fico nervosa, querido — disse Mary a Tucker durante o jantar no Steak'n' Shake numa sexta-feira à noite. — Mas acho que não devemos deixar nossos medos privarem nossa filha. No próximo outono Charlie vai começar a faculdade, morar sozinha, tomar decisões por conta própria. Ela precisa de independência.

— A faculdade é em Ohio — retrucou o pai de Charlotte. — Pessoas não são decapitadas em Ohio.

Mary fez cara feia.

— Bom, segundo Charlie, nem na Cidade do México. E a mulher da agência falou de um jeito que me deixou bastante tranquila. A família que arranjaram para Charlie parece fantástica. É um casal de advogados, que mora em uma propriedade incrível... Vamos lá, Tucker. Deixe a menina viver um pouco.

Aquela conversa tinha acontecido três meses antes. Agora, já fazia dois meses que Charlotte estava no México, e de fato havia vivido *bastante*. Fumou o primeiro baseado, tomou o primeiro porre, traiu o namorado, Todd, pela primeira vez e (ela mal conseguia acreditar nisso, mesmo quando dizia para si mesma) se apaixonou por um homem casado.

Não era o pai da família para quem ela estava trabalhando, os Encerrito. Isso seria baixo e de mau gosto, e, além do mais, Charlotte adorava a *señora* Encerrito, sua chefe, e nunca faria isso com a mulher. Não que estivesse fazendo algo correto. Sabia que ter um caso era errado. Na verdade, mais que errado. Era pecado, um pecado mortal. Charlotte vinha de uma “família de igreja” sólida, e não havia muito o que discutir quando o assunto era moral, sobretudo com relação a sexo. E não era como se não se importasse com isso. Ela se importava muito, se sentia culpada e tudo o mais. Mas, quando *ele* estava ali, nada disso tinha importância. Quando ele entrava na sala, quando olhava para Charlotte, quando dizia o nome dela e até quando ela ouvia a voz dele por telefone, tudo mais ia para o espaço. Sua precaução, seus valores, seu medo, seus arrependimentos. *Puf. Sumiam*. E quando ele a levava para a cama

e fazia amor com ela? Meu Deus. Não havia palavras para descrever a felicidade, o êxtase total. Charlotte já havia transado com Todd centenas de vezes, mas nunca se sentira desse jeito. Nunca, nem em suas fantasias mais loucas, Charlotte Clancy poderia imaginar que o sexo pudesse ser tão maravilhoso. E daí que não fosse para o céu? Grande coisa. Tinha o paraíso ali mesmo, e seu nome era... *Shhh*. Ela deu uma risadinha. Não podia dizer o nome dele em voz alta. Nunca. Para ninguém.

— Isso que nós temos deve ficar em segredo, *mi cara* — dizia ele, toda vez que faziam amor. — Ninguém pode saber. Você entende?

Charlotte entendia. Ele era casado, muito, muito mais velho que ela e uma figura importante. Tinham de ser discretos. Mas não entendia todos os outros segredos que ele escondia dela. Os “encontros” misteriosos que o faziam desaparecer no meio da noite. As malas recheadas de dólares que o vira entregar ao chefe de polícia local num dos hotéis de luxo da cidade.

— Você pode me contar, sabe? — dizia ela, provocante, ao pé do ouvido dele quando estavam deitados na cama. — Sei guardar segredo. Eu só... eu quero saber tudo sobre você. Quero fazer parte da sua vida o máximo que puder. Eu te amo tanto!

Ele sempre sorria, a beijava e garantia que também a amava e que achava esses pequenos rompantes “tão adoráveis quanto você”. Mas nunca contava nada.

— É para a sua própria segurança — explicava ele, acrescentando um emocionante quê de perigo à situação, que já era empolgante por si só.

Resumindo, Charlotte Clancy estava se divertindo como nunca.

E aquela noite seria ainda mais incrível, se não a melhor de todas.

Seguindo o mapa que ele dera a ela — tão romântico! —, Charlotte saiu do carro e contornou a pé os milharais, descendo pelo terreno em direção à margem do rio.

Algumas noites antes, ela havia corrido um grande risco ao segui-lo com o Nissan compacto que os Encerrito arranjaram para ela usar durante seu tempo no México, os faróis dianteiros desligados para não ser vista, a apenas algumas centenas de metros dele. Era difícil enxergar naquelas estradas esburacadas — que, na verdade, não passavam de pistas de terra batida — por onde ele seguia desde que saíram da cidade, e, em certo ponto, ela começou a entrar em pânico, perguntando-se como voltaria para a cidade se o perdesse

de vista. Então, nesse momento, a pista de terra deu lugar a uma clareira oculta por árvores, e ele parou o carro. Charlie conseguiu enxergar fileiras de galpões semicirculares que pareciam canos gigantes cortados ao meio, e, dentro deles, homens trabalhavam sentados a mesas, iluminadas por lamparinas antigas que faziam cada galpão cintilar levemente ao luar. Charlotte viu seu amante sair do carro e ir de galpão em galpão, inspecionando o trabalho. Tudo era muito fascinante, mas de onde estacionara não conseguia ver o que os homens estavam fazendo. Com uma coragem que não sabia ter até aquele momento, ela saiu do carro e andou até onde *ele* se encontrava. Estava a menos de dez metros da porta quando dois homens armados com submetralhadoras bloquearam o caminho dela.

Charlotte gritou tão alto que não duvidava que pudessem tê-la ouvido lá da cidade.

— Não atirem! Por favor!

Seu amante deu meia-volta com uma expressão que era um misto de choque e raiva estampada no rosto, mas que logo se transformou em sorriso, depois em risada.

— *Mi cara!* — Ele deu uma risadinha indulgente. — Você me *seguiu*?

— Eu... eu queria saber — gaguejou Charlotte, as pernas compridas ainda trêmulas pela visão das armas. — Você não me contava nada...

Ele gesticulou aos seus homens, permitindo a passagem dela, abriu os braços e deu um abraço apertado nela.

— Nunca imaginei que você fosse capaz disso. — Ele sorriu e fez carinho na cabeça de Charlotte como se ela fosse um cachorrinho fofo que lhe desobedecera. — Você é bem corajosa, hein? Percebo agora que subestimei você.

Charlotte se encheu de orgulho e alívio. Ele não estava com raiva. Estava satisfeito! Ela estivera certa ao correr o risco, certa ao mostrar a ele que era mais que uma garotinha boba, uma simples *au pair* com quem estava tendo um caso de verão.

— Venha. — Ele segurou-lhe a mão. — Já que está aqui, vou mostrar o lugar para você.

E ele lhe mostrou tudo, todo o funcionamento do império dele.

Cocaína.

Até a palavra soava perigosa para Charlotte, como que saída de um

episódio de *Miami Vice*. Ninguém nunca lhe oferecera cocaína, ela nunca sequer vira a droga à sua frente. E agora, ali estava, no olho do furacão, vendo como era produzida. Era fascinante, e ele lhe mostrou tudo com orgulho, como se fosse uma fábrica qualquer ou um simples negócio que tivesse construído. Também era incrivelmente complicado.

Em um dos galpões, maços de folhas secas de coca estavam sendo moídos junto com cal antes de serem colocados em uma máquina que parecia um irrigador de jardim, numa potência mais fraca, para umedecer a mistura. Depois, o produto era levado para outro galpão e colocado em barris enormes que mais pareciam misturadores de cimento, onde adicionavam querosene. O terceiro galpão era o local de “extração”. Ali, a cocaína era separada das folhas e submetida a um complicado processo que consistia em ser aquecida, filtrada, prensada, sifonada e misturada com ácido sulfúrico, antes de ser transferida para outro galpão, de onde saía um bloco amarelado e pegajoso que ele identificou como “pasta de cocaína”. A pasta era, então, levada para o galpão de purificação, onde era misturada com amônia diluída e depois filtrada para produzir o hidrocloreto de cocaína.

Durante todo esse tempo, Charlotte escutou e assentiu, segurando a mão dele, agindo sempre como se aquela experiência fosse completamente normal para ela, o tipo de coisa que vivia fazendo em San Diego.

— Está chocada? — perguntou ele no fim do tour. — Ainda me quer, agora que sabe que sou um *criminoso*? — Ele abriu um sorriso ao dizer a palavra. Mas era verdade, pensou Charlotte. Ele era um criminoso.

— Eu sempre vou querer você — respondeu ela, encarando com adoração aquele homem de olhar fascinante. Em seguida, ele a levou ao carro dele e fez amor com ela ali mesmo, de uma forma tão apaixonada como nunca antes. Então, dirigiu lentamente de volta à cidade, seguido por Charlotte.

Depois disso, ela ficou sem notícias dele por quase uma semana. Estava começando a entrar em pânico, com medo de que algo tivesse acontecido, de ele ter decidido terminar tudo, até que recebeu uma mensagem naquela manhã: *Senti sua falta, mi cara. Me encontre aqui às 7 da noite. Também enviou um link para um mapa e instruções sobre como chegar ao local. Tenho uma surpresa para você!*

O coração de Charlotte acelerou. Ele nunca havia escrito nada assim antes. *Senti sua falta*. Aquilo não era do feitio dele — aliás, nem mapas e surpresas

românticas. Algo havia mudado desde que ela descobrira a verdade. *Agora ele me vê como uma igual. Como uma parceira.*

Uma felicidade profunda tomou conta de Charlotte. Aquilo, afinal, era amor.

Ela estava quase chegando ao ponto de encontro, um lugar tão remoto e isolado que não havia a menor possibilidade de existir algo ali. *Talvez ele tenha armado um piquenique*, pensou Charlotte, imaginando uma toalha estendida com pratarias e taças de cristal, além de baldes de champanhe no gelo. Ela conseguia imaginá-lo fazendo aquele tipo de coisa. Era íntimo mas luxuoso. Diferente e especial, como ele. Charlotte tinha certeza agora de que seu futuro seria com aquele homem, apesar de ele ser casado, da diferença de idade e do que fazia para viver, do trabalho perigoso dele. Só não conseguia enxergar ainda como seria esse futuro. Como conciliaria seus pais e essa sua nova vida. Mas, ainda assim, estava confiante. Ela era Charlotte Clancy. Charlotte, a corajosa. *Ele* a havia subestimado, mas só porque ela subestimara a si mesma.

Eu posso ser o que eu quiser.

Frederique não entendia.

— Não vá, Charlotte. Não sozinha, pelo menos — implorara sua amiga quando Charlotte lhe mostrou o mapa “secreto”. Frederique Zidane também era *au pair* e a única amiga próxima de Charlotte na Cidade do México. Ela sabia do namorado mais velho e casado, mas não o bastante para descobrir quem era ou o que fazia. — Esses lugares não são seguros nem de dia, que dirá à noite. Qualquer um que more aqui sabe disso. *Ele* com certeza sabe.

— Deixe de ser frouxa — retrucou Charlotte, dando uma risada. — Vou ficar bem.

Mas Frederique não estava rindo.

— Lá tem muitos bandidos. Estou falando sério. As pessoas são roubadas, sequestradas, assassinadas. As pessoas desaparecem naquele lugar.

— Bom, *eu* não vou desaparecer — insistiu Charlotte.

— E como sabe disso?

— Sei porque não vou estar sozinha. *Ele* vai estar lá. Ele vai me proteger.

Aquela foi a última conversa que Frederique Zidane e Charlotte Clancy tiveram.

CAPÍTULO TRÊS

LISA

Dias atuais.

— E então, Lisa? Como está a sua semana?

A Dra. Nikki Roberts se recostou na poltrona preta de couro e abriu um sorriso simpático para sua paciente.

Lisa Flannagan. Vinte e oito anos. Ex-modelo e, durante muito tempo, amante do septuagenário Willie Baden, o bilionário dono dos Los Angeles Rams. Viciada em Vicodin em recuperação. Narcisista.

— Para falar a verdade, muito bem. — Lisa sorriu para ela, juntou as palmas das mãos e curvou o corpo, num sinal de gratidão. — Namastê. Estou realmente bem com relação ao término com Willie. É como se eu estivesse em um lugar de luz, sabe?

— Que bom. Isso é ótimo! — Nikki assentiu com a cabeça, em um gesto encorajador. Gotas de chuva tamborilavam contra a janela. Aquela era sua última sessão do dia, graças a Deus. Tudo que ela queria era ir para casa. Desligar. Deixar a chuva embalar seu sono.

— Pois é, né? — disse Lisa com alegria. — Os conselhos que você me deu na última sessão me ajudaram taaaanto!

Lisa sempre falava daquele jeito: usando clichês e pontos de exclamação, como uma adolescente que acabara de engolir o primeiro livro de autoajuda e já se considerava uma pessoa “espiritualizada”. Como psicóloga, e uma psicóloga muito bem-sucedida, Nikki não fazia julgamentos. Apenas observava e oferecia técnicas para ajudar sua paciente a mudar

comportamentos nocivos e quebrar ciclos destrutivos.

Como pessoa, porém, a história era outra.

Como pessoa, ela julgava o tempo todo.

Lisa Flannagan era uma usuária de drogas. Uma destruidora de lares. Uma assassina de bebês. Uma piranha.

Sentada no sofá macio e confortável da Dra. Roberts, Lisa Flannagan desabafou.

— Eu saí do apartamento — anunciou, orgulhosa. — Eu consegui mesmo!

Meu Deus, que sensação maravilhosa! Era *tão* libertador estar em um lugar onde podia se abrir, ser compreendida e simplesmente colocar tudo para fora.

— O Willie ficou, tipo, em estado de choque. Ficou tão puto que achei que ia me bater. Começou a gritar, berrar e quebrar coisas.

— Ele te ameaçou? — perguntou Nikki.

— Ah, sim. Claro que ameaçou. Falou coisas do tipo: “Você não pode fazer isso comigo. Eu sou seu dono. Vou acabar com você. Você não é nada sem mim!” Mas eu estava supercalma. Ficava dizendo: “Não, meu bem. Você precisa entender. Isso é uma coisa que *preciso* fazer por mim. Tipo, tenho 28 anos, sabe? Não sou mais criança.”

Lisa esperava ansiosamente a terapia de quarta à noite no luxuoso consultório da Dra. Roberts em Century City, da mesma forma como costumava ficar ansiosa para usar Vicodin ou transar com um dos jogadores negros enormes do time de futebol americano de Willie no apartamento que ele comprara para ela em Beverly Hills dois anos antes. Na época, ainda não percebia que ele estava sendo totalmente controlador, como se estivesse tentando comprá-la ou algo do tipo. A Dra. Roberts *super* abriu os olhos dela com relação a isso.

Ela também ajudou Lisa a perceber quanta força interior possuía. *Tipo*, parar de tomar os remédios foi um grande avanço. Willie tinha pagado a internação de Lisa na Promises, mas fora *Lisa* quem concordara em ir para a clínica de reabilitação, fora *Lisa* quem havia mudado a própria vida.

Sou uma boa pessoa.

Se consegui largar as drogas, também consigo largar Willie Baden.

Ela ficaria com o apartamento, claro. Ou melhor, ela o venderia e ficaria

com o dinheiro. Faria o mesmo com o colar de safiras e diamantes da Cartier que Willie lhe dera de presente no aniversário de 25 anos. Era ótimo recomeçar, mas Lisa Flannagan não iria sair de um relacionamento de oito anos com um bilionário com uma mão na frente e outra atrás. Seria idiotice. Além do mais, Willie não precisava do dinheiro. E ela ainda havia agido com responsabilidade ao abortar o bebê, em vez de ter o filho e ficar vivendo de pensão pelo resto da vida, como muitas garotas teriam feito. Para Lisa, uma vez que Willie superasse o orgulho ferido, não haveria motivos para que os dois não se separassem amigavelmente.

Conforme falava e bebia a água aromatizada de pepino que estava em uma jarra na mesinha do consultório da Dra. Roberts, Lisa Flannagan dava umas olhadas rápidas na direção da mulher sentada à sua frente, a terapeuta em quem havia passado a confiar e que considerava praticamente uma amiga.

Dra. Nikki Roberts.

Como era a vida *dela* fora do consultório?

Graças ao Google, Lisa já sabia o básico: *Dra. Nicola Roberts, sobrenome de solteira Hammond, 38 anos. Formada na Universidade de Columbia com pós-graduação em psicologia na UCLA e estágio no Ronald Reagan Medical Center.*

Lisa se perguntou se foi lá que a Dra. Roberts havia conhecido o marido, o Dr. Douglas Roberts, um neurocirurgião especializado em distúrbios cerebrais causados pelo vício. Infelizmente, não podia perguntar. Fazer perguntas pessoais ao terapeuta era contra as regras.

O que sabia, de fato, era que o marido da Dra. Roberts havia morrido em um trágico acidente de carro no ano anterior, bem na época em que Lisa começara a fazer terapia. O *LA Times* chegou a noticiar a morte, porque, até onde se sabia, Doug Roberts tinha sido um cara fantástico, um homem importante para as instituições de caridade de Los Angeles, que lutava incessantemente para ajudar os viciados da cidade onde quer que os encontrasse, dos moradores de rua às mansões de Bel Air.

Era bizarro pensar que a mulher confiante, atraente e profissional diante dela, com seu cabelo castanho, liso e sedoso, com um corte bob — parecido com o cabelo de Lisa —, sua silhueta esbelta e seus olhos escuros e inteligentes, era na verdade uma viúva de luto, cuja vida particular provavelmente era um caos total.

Pobre Dra. Roberts, pensou Lisa. Tomara que ela também tenha alguém

com quem conversar.

Ela merece ser feliz.

— Infelizmente por hoje nosso tempo acabou, Lisa.

A voz agradável e suave da terapeuta interrompeu o devaneio de Lisa. Ela olhou para o relógio na parede.

— Ai, meu Deus. Tem razão. *Incrível* como o tempo passa rápido aqui dentro. Você também não acha, Dra. Roberts?

— Às vezes, sim — respondeu Nikki com um sorriso diplomático.

Lisa Flannagan se levantou para ir embora.

— Não trouxe casaco? — perguntou Nikki. — Está caindo um temporal lá fora.

— Ah, é? — Lisa não tinha notado o barulho da chuva nas janelas.

Ela estava usando uma minissaia jeans que mal cobria a parte superior das coxas e uma regata com as palavras “ALL YOU NEED IS LOVE”, uma peça de roupa tão minúscula que mal conseguiria tapar o peito de uma criança, que dirá os seios fartos de Lisa.

— Desse jeito você vai ficar encharcada — disse Nikki, então se levantou e pegou o próprio casaco de chuva que estava pendurado na porta. — Tome, leve o meu.

Lisa hesitou.

— Não vai precisar dele?

Nikki negou com a cabeça.

— Estacionei meu carro no subsolo. Só vou precisar pegar o elevador. Pode me devolver na próxima sessão.

— Bom, se não tem problema... — Lisa pegou o casaco e abriu um sorriso.

— Isso é *muito* legal da sua parte, Dra. Roberts. De verdade.

Ela apertou a mão da psicóloga. Eram pequenos gestos como esse, de quem faz mais do que o esperado, que realmente separavam a Dra. Roberts de outros terapeutas. Ela não estava ali pelo dinheiro. Ela realmente se importava com os pacientes. *Ela se importa comigo.*

O beco atrás do Century Plaza Medical Building estava frio, úmido e escuro. As pernas dele doíam por ter ficado tanto tempo agachado. Sentia a pele queimando e a garganta também. Cada respiração era como se estivesse inspirando lâminas afiadas, e cada gota de chuva parecia feita de ácido, como

se uma pequena adaga flamejante cortasse sua carne, dilacerando seus nervos. Quando aquilo acabasse, teria o que precisava. A dor, aquela dor inimaginável, seria substituída por um êxtase extraordinário. Não duraria muito, mas tudo bem. Nada durava para sempre.

As ruas de Century City estavam abarrotadas de carros, mas as calçadas escorregadias encontravam-se desertas. Ninguém caminhava em Los Angeles, ainda mais na chuva.

Mas ela, sim. Às vezes.

Com certa frequência.

Será que ela sairia naquela noite?

Saia, saia de onde estiver!

De repente, ali estava ela. Foi muito repentino. Ele não estava pronto.

Seu coração começou a palpitar.

Ela fechou o casaco e abaixou a cabeça para se proteger da chuva. Não usava guarda-chuva. Andava rápido, cruzando o vão da porta em direção ao beco.

— Socorro! — Ele tentou gritar, mas estava rouco demais. Será que ela o ouviria? Ela tinha de ouvi-lo! — Socorro!

Lisa Flannagan se virou. Viu um vulto, um homem, ou talvez um garoto — ele era pequeno —, caído ao lado de latas de lixo.

— Por favor! — gritou de novo. — Ligue para a emergência. Fui esfaqueado.

— Ai, meu Deus! — Lisa pegou o telefone e se aproximou dele já digitando os números. — O que aconteceu? Você está bem?

O sujeito estava encolhido, abraçando a barriga. Deve ter sido ali que levou a facada. Ela se agachou ao lado dele e viu que usava um capuz ensopado, escondendo o rosto e o cabelo.

— Emergência. Em que posso ajudar?

— Preciso da polícia — respondeu Lisa ao telefone. — E de uma ambulância. — Ela encostou de leve no topo da cabeça do garoto, que estava inclinada para a frente. — Não entre em pânico. O socorro está vindo. Onde você está ferido?

Ele levantou a cabeça e sorriu. Lisa sentiu vontade de vomitar. O rosto por baixo do capuz não era humano. Era o rosto de um monstro, verde e podre, com pedaços de carne literalmente enroscados e pendendo dos ossos, como se

fosse a pele de uma fruta rançosa. Ela abriu a boca para gritar, mas o som não saiu.

— Senhora, pode me dizer onde se encontra?

Ele percebeu o terror em seus olhos quando ela se agachou, boquiaberta. Ainda sorrindo, cravou a faca no fundo do seu abdome e girou a lâmina. Ah, nessa hora o grito saiu... Alto, agudo e apavorado. Ele puxou a faca e a cravou de novo, com tanta força dessa vez que o punho inteiro seguiu a arma até as entranhas dela, algum lugar quente, úmido e tentador.

— Senhora, está me ouvindo? Senhora? O que está acontecendo? Pode me dizer onde está?

*

A Dra. Nikki Roberts se recostou no couro macio do assento de seu Mercedes X-Class e esperou a porta da garagem abrir.

Se o trânsito deixasse, em vinte minutos estaria em casa, no bairro de Brentwood. Mais uma noite longa e vazia a aguardava, mas Nikki a preencheria com programas de TV bobos, uma garrafa de vinho Newton Merlot não filtrado e Zolpidem para dormir, e isso passaria. Tudo passaria.

Nikki se sentia culpada. Apenas metade dela esteve presente durante a sessão com Lisa. Talvez menos da metade. Não era justo com seus pacientes, quer gostasse da pessoa ou não.

A porta da garagem se abria centímetro a centímetro, numa lentidão agonizante.

Nikki seguiu devagar em direção ao beco.

Portas. Portas de garagem!

Lisa ouviu o rangido de engrenagens mecânicas e o ronco familiar de um motor de carro próximo. Seu sangue escorria da barriga e do peito. Não estava pingando, sangrando lentamente, mas escorrendo mesmo, como se fosse leite sendo despejado de uma garrafa. Ela não conseguia se mexer. Não conseguia ficar de pé ou correr. Só podia gritar, e era isso que fazia, de novo e de novo e de novo, a cada vez que o monstro cortava seus braços, seios e coxas. Ele já não estava tentando matá-la. Ao menos, não rapidamente. Estava brincando com ela, como o gato faz com o rato, deleitando-se com a agonia

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Viúva Silenciosa"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).